O trabalho como ideal: o projeto de Eclesiastes*

Certamente a comunidade de Eclesiastes assinaria embaixo o seguinte provérbio: *trabalhamos para viver e não vivemos para trabalhar.* O fato é que em seu tempo, como também em nossos dias, o povo vive para trabalhar para outros e não trabalha para viver com dignidade. Está sim condenado a sobreviver.

Por outro lado, achamos também que Eclesiastes não assumiria o provérbio tão difundido pelos que vivem do trabalho alheio: *o trabalho dignifica a pessoa humana.* Na verdade, o trabalho como se concretiza em nossa realidade, ao contrário de ser dignificante, escraviza, é alienante. Por isso, a comunidade de Eclesiastes diz que o trabalho traz fadiga, é competição, visa acúmulo e é inútil.

Se por um lado a comunidade de Eclesiastes critica o tipo de trabalho de sua e de nossa época, por outro, ela propõe seu projeto alternativo no que se refere às relações de trabalho. Ela anuncia uma utopia possível. Está permeada de esperança. Tem um projeto alternativo em meio a um mundo sem perspectivas de mudança.

Nosso estudo está dividido em dois momentos. No primeiro, fazemos uma contextualização da comunidade de Eclesiastes (Ecl). Num segundo momento, trabalhamos dois eixos que achamos fundamentais no livro: o sistema da *ilusão* e o valor do *trabalho.*

I. ECLESIASTES, A COMUNIDADE DA DÚVIDA

1. Contextualização

Situamos Ecl em Judá no terceiro século aC. Nessa época, o povo judeu estava sob a dominação dos ptolomeus, sucessores de Alexandre Magno na região.

* Este artigo é fruto de um estudo feito por Cyzo Assis Lima, Humberto E.M. Gonçalves, Ildo Bohn, José Carlos Stoffel, Luís Heron Scherer, Marilena Etges, Marion Creutzberg, Norma dos Santos e Ramacés Hartwig em janeiro de 1994.

Alexandria no Egito era sua capital. Amon-Rá era seu grande deus. Difundem a filosofia grega que dá sustentação ideológica a seu império que, além de ser um estado tributário (exploração dos povos conquistados através de tributos/impostos), introduz a escravidão na região. Para facilitar a arrecadação de impostos e a circulação das riquezas para o centro, o império estava politicamente subdividido em províncias, distritos e toparquias. As terras de Judá faziam parte da província da Celessíria.

O estado judaico, externamente dependente dos ptolomeus, estava dominado internamente por sacerdotes em volta do templo. Morava no território da Aramítida na Transjordânia a família Tobias, cuja fama e tradição era estar a serviço dos opressores, ajudando no recolhimento dos tributos (cf. Neemias 13). Essa família conseguiu tanto poder em Jerusalém de modo que na verdade junto com a classe sacerdotal governava Judá a serviço dos ptolomeus. Onias era o sumo sacerdote.

O povo estava descontente com a exploração. Para aumentar ainda mais o sofrimento, havia um aparelho que denunciava qualquer tentativa de resistência, exercendo o controle ideológico. O povo é impedido de usufruir do seu trabalho, uma vez que grande parte da produção era extorquida dos trabalhadores. Muitos perderam suas terras. O latifúndio aumentou, bem como a escravidão.

2. Perfil da comunidade de Eclesiastes

A comunidade de Ecl é um grupo que tem como modelo o intelectual orgânico, isto é, que compartilha, socializa seus conhecimentos, que ajuda na sistematização do saber popular, fruto de sua experiência, e que gera um novo conhecimento alternativo, novos provérbios, questionando a sabedoria tradicional.

A comunidade de Ecl busca a verdade e a honestidade para derrubar as falsas estruturas e descobrir os eixos para um novo sentido para a vida. Quer animar, dar esperança.

II. EIXOS IMPORTANTES DE ECLESIASTES

1. Sistema da ilusão

Optamos aqui pelo termo "ilusão" que, entre as diferentes traduções (vaidade, ilusão, fugacidade), junto com "fugacidade", nos pareceu um dos mais adequados. Convém que o/a leitor/a tenha ao lado deste artigo a Bíblia, a fim de poder ler os versículos aqui indicados.

Para facilitar nosso estudo, trabalhamos o sistema da ilusão sob os pontos de vista ideológico, econômico, social e político.

1.1. Dimensão ideológica

1,2: O sistema da ilusão é sustentado pelo império ptolomaico e pela ideologia deturpada dos seus aliados em Judá, os sacerdotes. O método para desmascarar e desmistificar a ideologia dominante é derrubar as verdades preestabelecidas,

partir para uma nova descoberta da realidade a partir da observação e da partilha da experiência popular (12,9).

2,15.17.21; 3,9: A crítica ao sistema ideológico judaico concentra-se na derrubada da teologia da retribuição e das falsas esperanças em recompensas fora da existência histórica. A morte é o paradigma que iguala seres humanos e animais.

A crítica ao sistema ideológico-filosófico grego é que sua sabedoria é limitada e incapaz de ultrapassar a condição humana.

Portanto, o império e suas obras se constroem sobre uma falsa ideologia que apóia a miséria, cujo maior sinal é a perda da terra, o que implica também na escravidão por parte dos despojados, e o latifúndio por parte dos aliados do império.

5,6 (*5,7* = Almeida): Há uma crítica ao sistema religioso judaico do templo (4,17–5,7). Ele é considerado infrutífero. A oração judaica multiplicava palavras. Existe uma distância grande entre a promessa (votos/sacrifícios) e a prática. A alternativa é buscar a essência da fé [cf. 3,14; 8,13 (12 = Almeida); 7,18]. Temor não é medo. É respeito. Segundo I. Storniolo, "temor é a relação em que o homem descobre que Deus é Deus e o homem não é Deus". Esta desmistificação do homem poderá impedir que a divinização da autoridade ptolomaica (faraó = deus) tome conta da espiritualidade do povo oprimido.

O objetivo da comunidade de Ecl parece-nos o de tirar as barreiras ideológicas que impediam a visão crítica do sistema dos ptolomeus e a ação dos seus aliados em Judá [cf. 5,8 (9 = Almeida); Pr 1,7; 9,10; 14,27; 15,23; Sl 19,9]. A teologia da retribuição impedia esta visão crítica, uma vez que tanto o acúmulo dos ricos quanto o saque dos poderosos estrangeiros eram vistos como intervenção de Deus (cf. 6,2). A questão se situa na opção evangélica: amar a Deus ou ao dinheiro [Mt 6,24 = Ecl 5,10 (cf. 6,9.11s)].

Finalmente, a crítica ideológica dirige-se para a forma de vida dos ricos e sua superficialidade. Sua alegria é vazia (7,6). A justiça hipócrita do sistema dos ptolomeus é denunciada à luz dos seus resultados. Enquanto o justo sofre, o perverso vive na impunidade (7,15; 8,10.14; 3,16). G. Ravasi afirma: "Somos introduzidos por Coélet na sala do tribunal (...). Onde deveriam assentar-se o direito e a justiça estão assentados o delito e a iniqüidade".

O método hermenêutico de Ecl, pois, está na subversão total e profunda da ordem estabelecida, nos moldes de São Francisco de Assis.

1.2. Dimensão econômica

O sistema econômico ptolomaico tem como regra o fato de se produzir com muito sofrimento para que o produto seja apropriado pelos que dominam. Por isso, as obras do império em nada servem ao povo (1,14; 2,19.21).

Por outro lado, esta realidade torna ainda mais insensato o acumular, pois esta prática leva simultaneamente ao maior empobrecimento do povo e ao fortalecimento da economia opressora. É por isto que Ecl salienta que acumular é

pecado e o castigo para quem acumula é compartilhar com os pobres (2,26; 4,7-8; 5,10).

1.3. Dimensão social

Ecl conhece a vida dos ricos por experiência própria. Porém, agora vê isto sob a ótica dos oprimidos (2,1). Ele percebe a obscenidade e superficialidade dos prazeres das elites. Também vê nesta classe social a base do sistema hierárquico dominador do império. Eles estimulam a competição, a inveja e a falta de solidariedade entre as pessoas. Isto é, são encarregados de multiplicar na sociedade a hierarquização do império (4,4).

1.4. Dimensão política

Qual é a glória dos que dominam? Temos aqui uma desmistificação do poder, pois quem governa nada mais é que um ser humano cuja memória dependerá de seus fatos. O respeito do povo pela autoridade não é uma obrigação divina, mas é reflexo da justiça com a qual o poder foi administrado (4,16).

2. Valor do trabalho

Enfocamos o segundo eixo sob as várias formas como aparece em Ecl, que analisa o trabalho enquanto fadiga, enquanto acumulação, enquanto competição, enquanto inutilidade e enquanto realização.

2.1. O trabalho como fadiga

O trabalho daquele que não tira proveito, que não usufrui o produto cansa, pois é exploração, roubo e injustiça (1,3; 2,18-23; 3,9; 5,15; 10,15).

2.2. O trabalho como acumulação

Não há sossego em acumular sem compartilhar. A acumulação em si mesma provoca conseqüências sociais de violência, miséria, etc. Por isso, mesmo quem acumula sofre as conseqüências (4,8; 5,15b).

2.3. O trabalho como competição

O trabalho sem solidariedade provoca menos produção e mais sofrimento (4,4).

2.4. O trabalho inútil

Qual é a utilidade do trabalho? Ninguém poderá trabalhar até se tornar Deus. O trabalho é para o ser humano e não o ser humano para o trabalho (5,14; 6,7; 8,17).

2.5. O trabalho como ideal: o projeto de Eclesiastes

O trabalho como realização é o ideal de vida (2,24-26; 3,13; 5,17-18; 8,15). É a única felicidade. Dentro do sistema não havia lugar para a felicidade. O trabalho da fadiga, da acumulação, da competição e da inutilidade devia ser substituído pelo trabalho onde há liberdade de comer, beber, gozar e se alegrar com o fruto do seu próprio trabalho. "Debaixo do sol", isto é, debaixo do império, o fruto do trabalho era desapropriado. Mas poder desfrutar do produto é dom de Deus.

Não há ideal de trabalho dentro da massificação do trabalho, isto é a escravidão onde o trabalhador é objeto. O ideal é a cooperativização do trabalho onde o trabalhador é sujeito e compartilha tanto o trabalho como o produto. É o trabalho solidário em comunidade, é o mutirão popular (4,9).

O trabalhador tem a consciência limpa e isto é um ideal que elimina o nervosismo da fadiga e coloca no lugar a tranqüilidade. "O travesseiro do pobre é uma consciência limpa", diz um ditado popular (5,11a).

Em 9,7-9 vemos poeticamente a exaltação da felicidade como fruto do trabalho. Para concluir, citamos aqui o esquema de Ivo Storniolo no livro *Como Ler o Livro da Eclesiastes,* página 20:

Porção ou felicidade	=	trabalhar e usufruir	=	comer beber vestir-se morar perfumar-se amar alegrar-se

A MENSAGEM DE Ecl PARA NÓS

Assim como nos tempos de Ecl, somos convidados a perceber a fugacidade das estruturas sócio-econômicas e políticas de hoje. O projeto neoliberal alardeado aos quatro ventos "não traz nada de novo debaixo do sol". Os trabalhadores não podem viver do fruto do seu trabalho que continua explorado e é fatigante (2,9.23.26). O salário é arrochado para pagar a dívida externa (6,2). As alegrias do mundo consumista são fugazes (7,6). Os interesses dos donos do poder não passam de vaidade (12,8). O hedonismo presente na cultura da modernidade não traz a felicidade (2,1.11). Enfim, as obras que acontecem debaixo do sol (1,14) não mudam com o discurso dominante.

A comunidade de Ecl nos convida à solidariedade no mundo do trabalho e entre todos os sofredores (4,7-12) e a relativizarmos os bens deste mundo que passa. Acúmulo e dinheiro não passam de ilusão (4,7-8). O projeto de Ecl é que o fruto do trabalho de cada pessoa seja o suficiente para comer, beber, vestir-se, perfumar-se, amar, morar e alegrar-se com os seus. O que for além disso não passa de fugacidade. Afinal, o trabalho está em função da vida e não a vida em função do trabalho. Esta é a utopia de Ecl. É seu sonho: o prazer de viver do fruto do seu trabalho na alegria e na solidariedade.

BIBLIOGRAFIA

– Artigo de Roberto FITZPATRICK na Revista *Estudos Bíblicos* nº 14, Ed. Vozes, sob o título "A Verdade da Resistência".

– Artigo de Ana M.R. GALLAZZI e Sandro GALLAZZI na *RIBLA* nº 14, Ed. Vozes, sob o título "O teste dos olhos, o teste da casa, o teste do túmulo (Uma chave de leitura do livro de Qohelet)".

– *Como ler o Livro do Eclesiastes.* Ivo STORNIOLO e Euclides M. BALANCIN. Ed. Paulinas.

– *Comentário sobre Coélet.* G. RAVASI, Ed. Paulinas.

Ildo Bohn Gass
CP 1051 – Scharlau
São Leopoldo – RS
93121-970